

LOURDES CASTRO
RENÉ BERTHOLO
JOSÉ ESCADA
JORGE MARTINS

AMIGOS
DE PARIS



LOURDES CASTRO
RENÉ BERTHOLO
JOSÉ ESCADA
JORGE MARTINS

AMIGOS
DE PARIS

26 Janeiro a 15 Abril de 2012
Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva



AMIGOS DE PARIS

“Nós ambos [Vieira da Silva e Arpad Szenes] acompanhamos com muito interesse o desenvolvimento artístico dos jovens pintores portugueses que aqui nos procuram, incutindo-lhes coragem e orientando-os quanto possível no início das suas carreiras.”¹

Tanto Arpad Szenes (em 1925) como Vieira da Silva (em 1928) optaram por sair dos seus países de origem para viver em Paris, motivados pelas necessidades de uma pintura cada vez mais exigente e pelo estímulo cultural e intelectual da cidade. Conheceram o exílio no Brasil (1940-1947) e permaneceram apátridas até 1956, ano em que lhes foi concedida a nacionalidade francesa. O casal manteve sempre um contacto regular com artistas e intelectuais portugueses, nas assíduas visitas a Portugal ou em Paris, onde eram regularmente procurados.

É durante os anos 50 que a pintura dos dois artistas atinge a maturidade e ganha notoriedade em França e no estrangeiro, mas em Portugal a modernidade, sobretudo de Vieira da Silva, encontrava resistência e incompreensão. Até ao final dos anos 50, a obra da artista era praticamente desconhecida e incompreendida, como escreveu Mário Cesariny em 1952: *“Helena Vieira da Silva, pintora portuguesa que em Paris goza de prestígio universal é quase uma desconhecida no nosso país”*². O clima cultural em Portugal, na década que ficou conhecida pelos “anos de chumbo”³, é marcado pelo isolamento, pela censura e pela estética modernista própria do regime e da sua ideologia repressiva, pela ausência de possibilidades no ensino, no mercado e nas instituições. O desejo de renovação cultural e artística, a procura da possibilidade de trabalhar ou a recusa em participar na guerra colonial (1961-1974) levaram uma geração de jovens artistas a partir, uns por opção e motivação expressiva, outros por motivações políticas e existenciais. A partida de artistas

Vieira da Silva e Arpad Szenes
Portugal, c. 1960
Fotografia de Augusto Cabrita
Arquivo fotográfico FASVS

1 Carta de Vieira da Silva à Direcção da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao processo de bolsa de Lourdes Castro. Data de recepção de 11 Setembro 1958.

2 Publicado em *Cartaz*, Lisboa. (12 Agosto 1952).

3 Fernando Rosas - *O Estado Novo (1926-1974)*, 7º volume da *História de Portugal*, direcção de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, citado por Manuel Villaverde Cabral - *Paris, Portugal: dos anos de 1950 aos anos de 1970*. In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001. P. 54

portugueses de Portugal tem sido uma constante ao longo dos tempos, enquadrada em fluxos migratórios mais intensos, como foi o caso da década de 50 e como é o caso actual, e sempre motivada pela procura de desenvolvimentos artísticos e pessoais mais compensadores.

Em 1956, a criação da Fundação Calouste Gulbenkian trouxe novas perspectivas à actividade cultural, assegurando com independência o que o Estado rejeitava em nome da tradição artística nacional⁴. A política de apoio às artes e, em particular, a atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro, que proporcionava aos jovens artistas⁵ novos contactos com a arte internacional e a aquisição das suas obras, gerou uma nova dinâmica no panorama cultural português. O êxodo criativo, motivado por dissidência cultural ou política, convergia sobretudo para Paris, onde as figuras tutelares de Maria Helena Vieira da Silva e de Arpad Szenes, “exponente máximo do sucesso que o exílio cultural e artístico parisiense proporcionava”⁶, recebem e acompanham os jovens artistas portugueses.

Do grupo de artistas que estabeleceu uma ligação com o casal Szenes, Lourdes Castro, René Bertholo e Costa Pinheiro foram os primeiros a sair de Portugal, em 1957, com destino a Munique antes de seguirem para Paris, em 1958. João Vieira, Gonçalo Duarte, Eduardo Luís, Manuel D’Assumpção, Jorge Martins, Henrique Silva, Pedro Avelar, mais tarde Justino Alves, e também António Dacosta, Manuel Cargaleiro ou Mário Cesariny, foram alguns dos artistas que também partiram para a capital francesa. Nem todos foram bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian, mas todos criaram laços afectivos com Arpad e Vieira da Silva.

Centrámos, numa primeira mostra, a atenção em quatro desses artistas: Lourdes Castro e René Bertholo, Jorge Martins e José Escada. Todos tiveram uma ligação especial ao casal Szenes, de amizade e orientação artística. Lourdes e Bertholo fundaram a revista KWY

4 “A Fundação não depende do aparelho político e funciona como um Estado no Estado, situação de inteira independência que lhe permite premiar os bons e castigar os maus.” Alfredo Margarido - A primeira revista estética portuguesa no estrangeiro. In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001. P. 77.

5 E a uma nova geração de críticos de arte, que deviam obrigatoriamente matricular-se no curso de sociologia da arte de Pierre Francastel (na VI Section da École Pratique des Hautes Études, em Paris). Ver Alfredo Margarido - A primeira revista estética portuguesa no estrangeiro. In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001. P. 79.

6 Ana Filipa Candeias - A revista KWY. In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001. P. 89.

e o seu calendário parisiense depressa se preencheu com múltiplos contactos e atividades artísticas. Escada juntou-se-lhes pouco depois no trabalho criativo da revista e nas várias iniciativas do grupo. Jorge Martins, chegado em 1961 a Paris, manteve-se mais distanciado do KWY (apesar de ter colaborado num dos números), sendo especialmente amigo de José Escada com quem havia partilhado ateliê por breve momento em Lisboa (na Junqueira), em data anterior à partida de Escada.

A generosidade de Maria Helena Vieira da Silva e de Arpad Szenes era conhecida, em especial para com os jovens artistas portugueses que chegavam a Paris com poucos recursos. "Sinto-me sempre angustiada quando me apresentam um jovem artista: é incerto o seu destino"⁷ referiu Vieira da Silva, provavelmente recordando o seu percurso e o de Arpad. Nas cartas de recomendação que enviam à FCG, com vista a reforçar o processo de candidatura para atribuição de bolsas de estudo, é comum encontrar expressões como "os meus queridos bolseiros" ou "*nos chers enfants*". A troca de correspondência e fotografias⁸ documentam a ternura sincera que partilhavam.

Vieira e Arpad interessavam-se pelas experiências pictóricas dos jovens artistas, por vezes adquirindo telas. O seu apoio providencial não era isento de sentido crítico e de um evidentemente apurado, e respeitado, julgamento estético, como algumas declarações destes jovens artistas deixam entender. Providenciavam discretamente para que não lhes faltassem materiais, visitavam os seus ateliês e convidavam-nos regularmente para sua casa, oferecendo-lhes um desenho ou um guache para poderem vender quando a necessidade era mais premente. Por seu lado, também os jovens ofereceram obras suas ao casal, núcleo que integra actualmente o espólio da FASVS e que Maria Helena fez questão de juntar ao volume de obras que legou ao Museu.

Dos quatro autores acima referidos, revelamos obras

7 Anne Philippe - *O fulgor da luz*. Lisboa: Rolim, 1995. P. 45.

8 Centro de Documentação da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva.



Lourdes Castro, Paris 1969
Col. Lourdes Castro

9 Carta de Arpad Szenes a Artur
Nobre de Gusmão, Director do
Serviço de Belas-Artes da
Fundação Calouste Gulbenkian,
referente ao bolsheiro René
Bertholo. 6 Maio 1961.

René Bertholo, Paris 1958
Col. Lourdes Castro



de início de carreira, que ilustram um período crucial da produção dos artistas enquanto jovens e apontam já futuras direcções de pesquisa. Às obras legadas por Vieira da Silva e Arpad, juntámos um conjunto de obras da colecção da FCG, aquisições e também doações dos artistas, complementado ainda por algumas obras de colecções particulares. O período abrangido é essencialmente a década de 60 e início de 70 – de notar a existência na coleção do CAM de três pinturas abstractas do início de carreira de Lourdes, Bertholo e Escada, adquiridas logo em 1960 pela FCG aos artistas – com obras realizadas em Paris ou imediatamente após a estadia em Paris (no caso de José Escada) e algumas posteriores (Lourdes Castro) que ilustram a amizade para com Arpad e Vieira, como é visível nas dedicatórias.

«*Croyez-nous, c'est pour nous un véritable plaisir que de voir ces jeunes travailler et s'épanouir dans le climat si actif de Paris.*»⁹

Lourdes Castro (1930) e René Bertholo (1935-2005) partiram para Munique em 1957, mudando-se pouco depois [em 1958] para Paris, onde permaneceram até ao final da década de 70. Aí fundaram o grupo KWY, junto com Costa Pinheiro, Gonçalo Duarte, João Vieira, José Escada, Jan Voss e Christo, do qual resultou uma revista com o mesmo nome, editada em doze números (entre 1958 e 1963). Impressa em serigrafia, esta revista experimental contou com a colaboração de vários artistas, escritores, críticos e historiadores, constituindo uma obra de arte original, no seu conjunto e em cada número. Arpad Szenes e Vieira da Silva assinaram a revista desde o primeiro número e nela colaboraram, Arpad no n.º 8 e Vieira nos n.º 4 e 7, com a cedência de matrizes para a edição de serigrafias.

Lourdes Castro e René Bertholo foram bolsheiros da Fundação Calouste Gulbenkian posteriormente ao seu estabelecimento em Paris. Os relatórios que eram

obrigados a enviar à Fundação (Serviço de Belas-Artes) eram autênticos diários da vivência e da descoberta em Paris, da evolução dos seus trabalhos, das exposições que visitavam. Na “qualidade de mestre, conselheira e amiga” de Lourdes Castro, Maria Helena Vieira da Silva escreveu a Artur Nobre de Gusmão, Director do Serviço de Belas-Artes da FCG: *“Ela alia a um carácter*



*extremamente honesto e recto, fortes qualidades de dedicação, coragem e até de heroísmo na sua vida quotidiana. E especialmente, é dotada de real e tangível talento artístico. (...) Poucos (jovens pintores portugueses em Paris) porém nos têm inspirado tanta confiança e esperanças como a Maria de Lourdes”*¹⁰. Nestes anos, Lourdes Castro prosseguia a sua pesquisa sobre a representação da sombra, que em 1964 se materializou no recurso ao *plexiglas* (mais tarde projectando a representação das sombras em lençóis), após ter realizado (1961-1963) objectos-caixas com *assemblage* de diferentes objetos de utilização quotidiana e consumo corrente, que num primeiro momento revestiu a tinta de alumínio, obtendo desta forma uma leitura mais desmaterializada dos mesmos (sugerindo pequenos *robots* absurdos), para em seguida fazer ainda algumas destas caixas com agrupamentos de materiais segundo cores (tendo as mesmas ficado conhecidas por ‘caixa verde’, ‘caixa azul’, caixa de madeira’, etc, de que são apresentadas duas provenientes da colecção do CAM).

Foi em Paris que René Bertholo construiu a sua linguagem, “trabalhando com galerias de arte representativas no contexto francês da época, fazendo parte de exposições marcantes na história desse tempo, circulando internacionalmente em inúmeras exposições individuais e colectivas, integrando as suas obras em diversas colecções privadas e institucionais.”¹¹. Sobre ele escreveram

Sombras projectadas de Lourdes Castro e René Bertholo, com os próprios. Rue des St. Pères, Paris, 1964
Col. Lourdes Castro

10 Carta de Vieira da Silva à Direcção do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao processo de bolsa de Lourdes Castro. Data de recepção de 11 Setembro 1958.

11 João Fernandes – O mundo de René Bertholo. In *René Bertholo*. Porto: Museu de Serralves, 2000. P. 13.

12 Carta de Arpad Szenes a Artur Nobre de Gusmão, Director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao bolseiro René Bertholo. 27 Outubro 1961.



José Escada, Paris anos 60
Col. Jorge Martins

José Escada, 1964
Col. Maria Nobre Franco

13 Rita Macedo – José Escada: anatomias do infinito. In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001. P. 289.

Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva: *“J’ai une grande confiance dans le talent de ce jeune peintre et je suis profondément persuadé qu’il tirera le meilleur bénéfice d’un plus long séjour à Paris. Riche de dons, intelligent, courageux, son métier ne pourra qu’y mûrir.”*¹² Adepto da edição de múltiplos (serigrafia, litografia, edições de artista), René Bertholo dedicou-se nos primeiros anos de Paris à revista *KWY*. Depois de uma fase de aprendizagem abstracta, a pintura de René Bertholo equaciona de um modo muito pessoal a relação entre figuração e abstracção, introduzindo num discurso neo-figurativo irónico e poético, figuras e motivos da vida quotidiana, numa espécie de inventário da realidade e dos seus símbolos. Após 1965, os objectos pintados passam a objectos e mecanismos tridimensionais com pequenos motores eléctricos que provocam movimentos lúdicos e repetitivos, também estes múltiplos por opção.

José Escada (1932-1980) amigo de Lourdes Castro e René Bertholo, juntou-se a eles e ao projecto da revista *KWY* desde Lisboa, colaborando no n.º 3 da revista com serigrafias, nomeadamente a da capa. Em 1957 candidatou-se a uma bolsa da FCG para estudar gravura em Paris com Stanley William Hayter. Esta só lhe viria a ser atribuída em 1959, desta vez para pintura, tendo como orientadores Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes. Chegado a Paris no início de 1960, dedicou-se ao dese-



enho e à aquarela, em exercícios caligráficos imaginários, “jogando com valores luminosos que desafiavam a ideia de matéria pela sua verdadeira aspiração ao incorpóreo, ao impalpável.”¹³ As composições labirínticas são transpostas para dobragens de papel simétricas, também elas obsessivas,

que conduziram a uma pesquisa relacionada com o corpo humano. O seu trabalho confundiu-se com a procura metafísica do artista e a sua busca de ordem jamais teria fim. Os relatórios que enviou à FCG exprimem as suas preocupações pictóricas, os pareceres da FCG às cartas a pedir sucessivas prorrogações da bolsa relatam as grandes dificuldades que atravessou em Paris, sobretudo económicas. Em 1962 acabaram as bolsas de estudo e em 1963 a revista *KWY*. Tal como Lourdes Castro e René Bertholo, José Escada continuou em Paris, prosseguindo a sua actividade artística.

Jorge Martins (1940) foi para Paris em 1961, não integrou o grupo *KWY* (tendo no entanto colaborado no n.º 8 da revista) nem foi bolseiro da FCG, tendo-lhe sido recusada a bolsa quatro vezes, supostamente pela sua situação de refractário militar. Foi o que permaneceu mais tempo em Paris (de 1961 a 1974 e de 1976 a 1991) e foi dos mais próximos de Vieira da Silva e de Arpad Szenes, trabalhando largas temporadas nos ateliês dos artistas em Paris e Yèvre-le-Châtel. Da sua pintura, disse Arpad: *“J’aime beaucoup sa lente évolution, le lent cheminement de son esprit. Voici un garçon dont le travail ne fait pas penser seulement au talent, mais aussi à une vision intelligente et réfléchie.”*¹⁴ E Vieira da Silva: «Vi a sua obra há pouco tempo. Meu marido e eu ficámos impressionados com a força, a beleza, a cultura e trabalho que ela revela. Comprámos-lhe um quadro grande, que tem a qualidade de desenho e de pintura de um quadro de mestre e tenho mostrado esse quadro a pessoas difíceis habituadas a ver muitos pintores jovens e todos o acham excepcional.»¹⁵ Nos estimulantes anos 60 parisienses, Jorge Martins investigou e exercitou um inventário de formas, jogos de luz e uma linguagem plástica em escultura, fotografia, pintura e no desenho que irão ter um lugar determinante na sua obra.



Jorge Martins, Ateliê de Vieira da Silva, Paris, anos 60
Col. Jorge Martins



Vieira da Silva e Jorge Martins, Paris

14 Carta de Arpad Szenes a Artur Nobre de Gusmão, Director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao pedido de bolsa de Jorge Martins. 4 Março 1963.

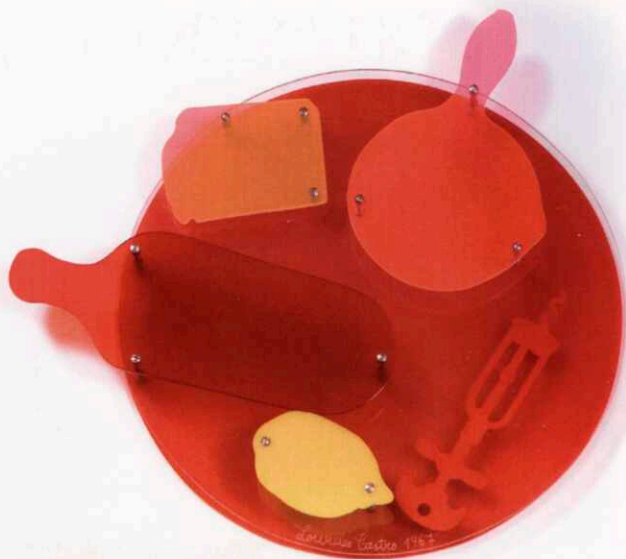
15 Carta de Vieira da Silva a Artur Nobre de Gusmão, Director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao pedido de bolsa de Jorge Martins. Data de recepção 31 Março 1965.

LOURDES CASTRO



Sem título, 1959
Col. CAM - FCG

Bandeja, 1967
Col. Paulo Pires do Vale



Caixa de madeira, 1963
Col. CAM - FGG

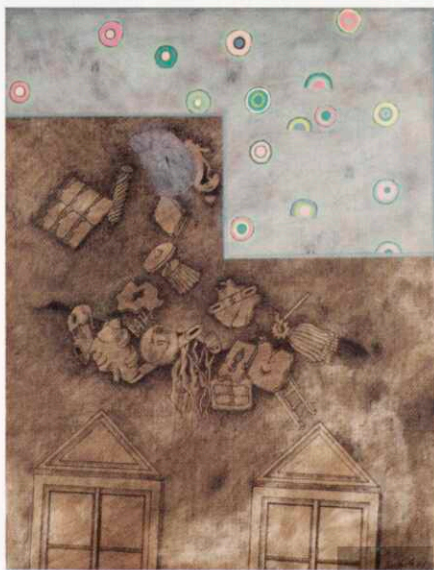


In the café, 1954
Col. CAM - FCG

RENÉ BERTHOLO



Sem título, 1959-1960
Col. CAM - FCG



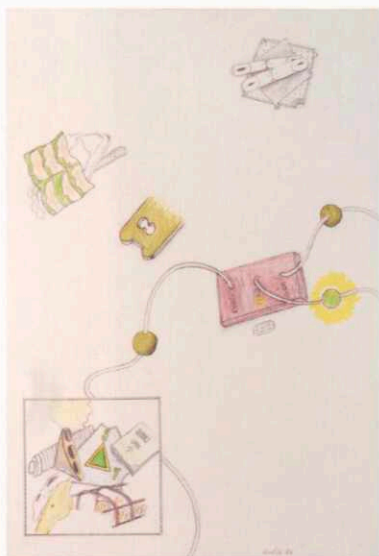
Duas janelas, 1964
Col. CAM - FCG



Sem título, 1966
Col. FASVS



Nuvem com superfície variável-III, 1967
Col. CAM - FCG

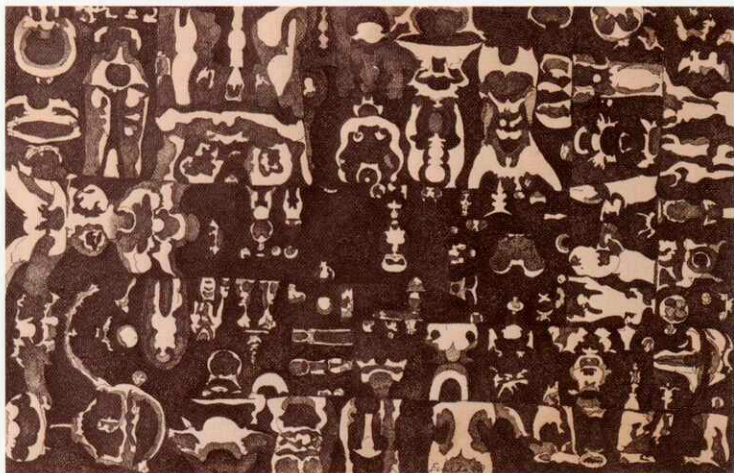


Sem título, 1964
Col. CAM - FCG

JOSÉ ESCADA



Sem título, 1960
Col. CAM - FCG



Sem título, 1963
Col. particular



Sem título, 1965
Col. CAM - FCG



Sem título, 1964
Col. FASVS

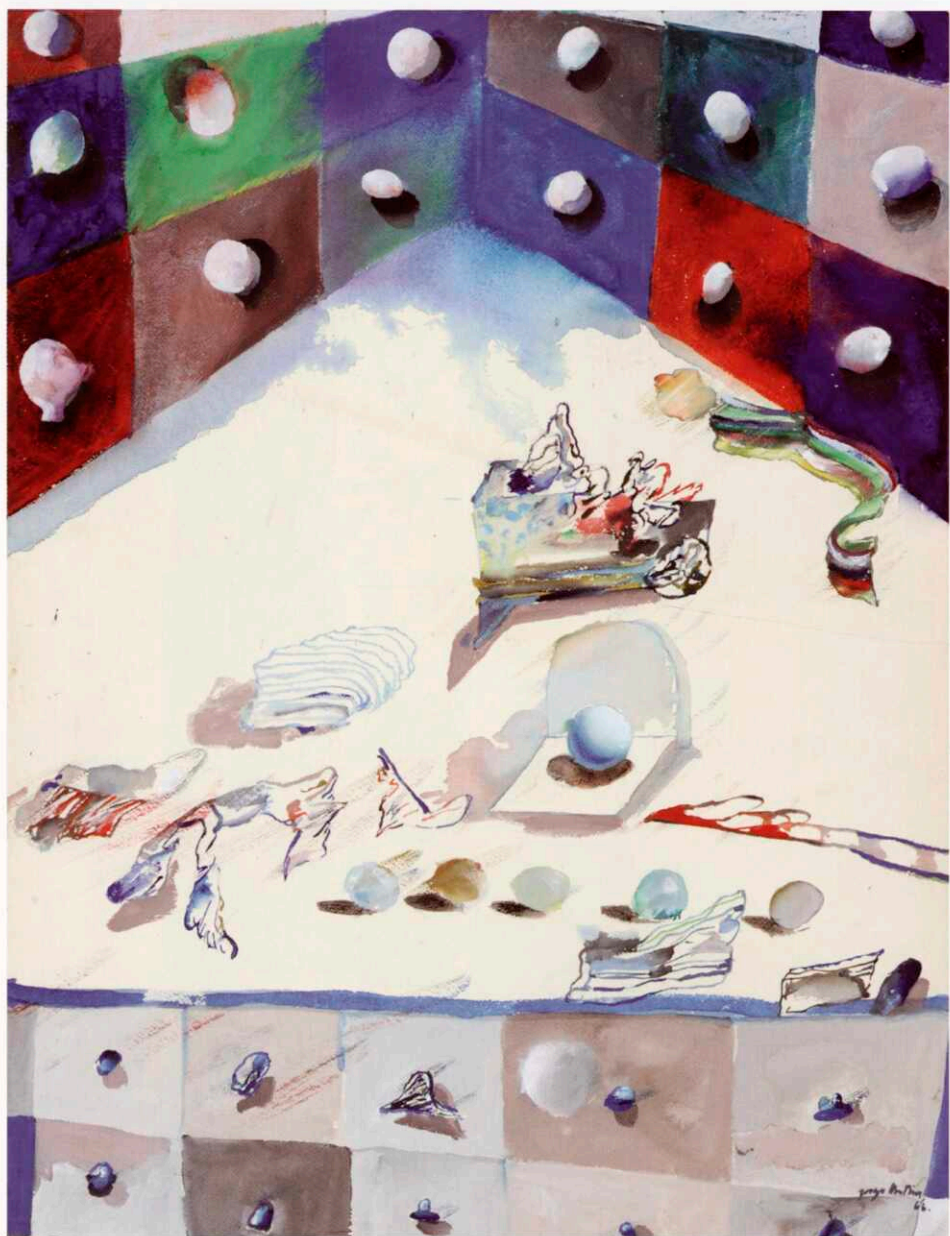
JORGE MARTINS



Sem título, c. 1969
Col. FASVS



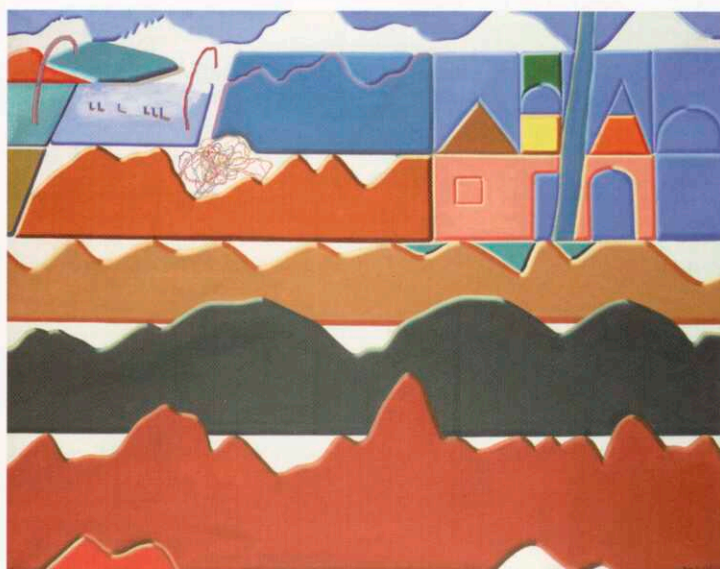
Sem título, 1964
Col. FASVS



Sem título, 1965
Col. FASVS



Sem título, 1965
Col. CAM - FCG



Cordilheira, 1970
Col. CAM - FCG

LOURDES CASTRO
Outubro, 1959
óleo/tela
65 x 54 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
Letras e duas casas,
1962
tinta e colagem/tela
103,5 x 76,5 x 8,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
Letras e Pente, 1962
tinta e colagem/tela
95,5 x 63,5 x 3,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
Caixa Azul, 1963
assemblage
caixa/madeira
52 x 52 x 20 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
Caixa madeira, 1963
assemblage
madeira, tinta
51,7 x 51,7 x 11,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
**Sombra Projectada de
Marta Minujín**, 1963
tinta gliceroftálica/tela
84,5 x 103,5 x 3 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
**Odalisque d'après
Ingres**, 1964
tinta de esmalte/tela
59,5 x 119,5 x 2,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
In the Café, 1964
tinta acrílica/plexiglas/
madeira, acrílico
28 x 19 x 13 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
**Sombra Projectada de
René Bertholo**, 1965
tinta gliceroftálica/
plexiglas
71 x 116 x 4,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
**Ombre portée contorno
azul (Ana Castro)**, 1965
duas placas de
plexiglas/plexiglas
pintado
50 x 35 x 3 cm
Col. Paulo Pires do Vale

LOURDES CASTRO
**Ombre portée
jaune**, 1967
duas placas de
plexiglas serigrafado
(4/20)
31,5 x 50 x 3 cm
Col. Paulo Pires do Vale

LOURDES CASTRO
Bandeja, 1967
plexiglas pintado e
recortado
Ø 28 cm
Col. Paulo Pires do Vale

LOURDES CASTRO
**Ombre portée rosa
fluo**, 1968
duas placas de
plexiglas serigrafadas
(15/15)
36 x 31 x 3 cm
Col. Paulo Pires do Vale

LOURDES CASTRO
**Ombre portée branco
sobre branco**, c. 1969
placa de plexiglas
serigrafado dos dois
lados (66/100)
31,5 x 50 x 3 cm
Col. Paulo Pires do Vale

LOURDES CASTRO
Sem título, 1974
litografia
56 x 38 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

LOURDES CASTRO
Sem título, 1974
litografia
56 x 38 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

LOURDES CASTRO
Sombra de Abacateiro,
1976
grafite/papel arches
76 x 57 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

LOURDES CASTRO
Arpad, 1980
Lápis de cor/papel
39 x 26,5 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

RENÉ BERTHOLO
Pintura, 1959-60
óleo/tela
89 x 116 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

RENÉ BERTHOLO
Sem título, 1962
lápiz/papel
45,7 x 30,8 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

RENÉ BERTHOLO
Sem título, 1964
grafite, lápis de cera e
lápiz de cor/papel
56,8 x 38,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

RENÉ BERTHOLO
Dois janelas, 1964
óleo/tela
65,5 x 50 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

RENÉ BERTHOLO
Sem título, 1964
acrílico/tela
21,8 x 15,8 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

RENÉ BERTHOLO
**Le Gadget de M.
Thomas**, 1965
acrílico/tela
130 x 97,5 cm
Col. Luísa e Manuel
Pedroso de Lima

RENÉ BERTHOLO
Sem título, 1966
litografia
56 x 42,3 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

RENÉ BERTHOLO
Beaux fixe, 1966
Acrílico/metal de tri-
acetato e motor
23 x 100 x 13 cm
Col. MNAC – Museu
do Chiado

RENÉ BERTHOLO
**Nuvem com Superfície
Variável - III**, 1967
Alumínio pintado,
programador, motor
92 x 95,5 x 25 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

RENÉ BERTHOLO
Le jour et la nuit, 1969
Placa de metal, pintura
s/ metal, motor (12/50)
34,5 x 30 x 6,5 cm
Col. Paulo Pires do Vale

RENÉ BERTHOLO
Sem título, 1970
lápiz/papel
65,4 x 50,2 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

RENÉ BERTHOLO
Sem título, 1978
serigrafia
25 x 20,4 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1962
aguada e tinta-da-
china/papel
34,4 x 47,6 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JORGE MARTINS
Sem título, 1963
aguarela/papel
38,2 x 56 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1963
guache/papel
28,5 x 38,5 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1964
óleo/tela
100 x 80,5 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Precious Stones, 1965
óleo/tela
115,5 x 89 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JORGE MARTINS
Sem título, 1965
tinta-da-china/papel
60,4 x 65,6 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JORGE MARTINS
Sem título, 1965
tinta-da-china/papel
65,1 x 50,2 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JORGE MARTINS
Sem título, 1965
aguarela/papel
50 x 24,2 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1966
aguarela/papel
65 x 50 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1968
água-forte/cobre
30 x 17,2 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, c.1969
óleo/tela
27 x 21,8 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Cordilheira, 1970
óleo/tela
113 x 145 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JORGE MARTINS
Sem título, 1970
óleo/tela
38 x 55 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1970
acrílico/tela
61 x 38 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1970
água-forte/cobre
48,5 x 32,2 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
Sem título, 1972
guache e tinta/papel
64,7 x 50 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JORGE MARTINS
**La couleur et la
lumière**, 1973
óleo/tela
60 x 130 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1960
óleo/tela
100 x 65 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1963
grafite e tinta-da-china/
papel
24 x 38 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1963
guache/papel/cartolina
16,4 x 25 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1963
tinta da china/papel
25 x 32,7 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1963
tinta da china/papel
24,5 x 38 cm
Col. Particular

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1964
óleo/tela
46 x 33 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1965
aguarela, guache e
tinta-da-china/papel
19,2 x 28 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1965
aguarela, guache, tinta
da china/papel
16,5 x 25 cm
Col. Ana Roxo

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1966
tinta da china/papel
49,7 x 32,7 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1968
colagem/papel
24 x 39,3 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1968
colagem/papel
24,2 x 39,5 cm
Col. Fundação Arpad
Szenes – Vieira da
Silva

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1968
colagem/papel
25 x 40 cm
Col. Maria Nobre
Franco

JOSÉ ESCADA
Auto-retrato, 1972
óleo/tela
55 x 38 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1972
acrílico/cartão
43 x 30 cm
Col. Maria Nobre
Franco

JOSÉ ESCADA
Sem título, 1973
óleo/tela
46 x 33,5 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

JOSÉ ESCADA
Sem título (Relevo
Espacial), 1974
chapa de ferro/madeira
200 x 100 x 14 cm
Col. CAM – Fundação
Calouste Gulbenkian

Presidente

Manuel Pinho

Administradores

Jean-François Jaeger

João Corrêa Nunes

Luis dos Santos Ferro

Maria Nobre Franco

Raquel Henriques da Silva

Vera Nobre da Costa

Directora

Marina Bairrão Ruivo

Programação

Marina Bairrão Ruivo

Comissariado

Ana Vasconcelos e Melo, CAM-FCG

Marina Bairrão Ruivo, FASVS

Documentação

Sandra Santos, FASVS

Arquivo-FCG

Secretariado e Comunicação

Sandra Quintas, FASVS

Sofia Sutre, FASVS

Patrícia Rosas, CAM-FCG

Rosário Lourenço, CAM-FCG

Montagem

António José Pereira

Julien Gomes

Embalagem e transportes

Paulo Gregório

Serviços Centrais- FCG

Seguros

Hiscox

Fotografias

Arquivo Fotográfico, FASVS

Jorge Martins

Lourdes Castro

Arquivo Fotográfico, CAM-FCG

Créditos fotográficos

José Manuel Costa Alves

Mário de Oliveira

Paulo Costa

Reinaldo Viegas

obras do CAM – Fundação Calouste

Gulbenkian

Pierre Guibert

obras da Fundação

Arpad Szenes-Vieira da Silva

Concepção gráfica

atelier de design

Nuno Vale Cardoso + Nina Barreiros

Impressão

Lisgráfica

Janeiro 2012

Tiragem – 300 exemplares

Praça das Amoreiras, 56/58

1250-020 Lisboa

Agradecimentos

Comité Arpad Szenes-Vieira da Silva, Paris

pela isenção dos direitos de reprodução

Ana Roxo

CAM-Fundação Calouste Gulbenkian

Manuel Pedroso de Lima

Maria Nobre Franco

Museu do Chiado – Museu

Nacional de Arte Contemporânea

Paulo Pires do Vale

pela cedência das obras

Atelier de Restauro do Jardim das Amoreiras

Helena Barranha

Isabel Carlos

João Alpoim Botelho

Jorge Martins

Lourdes Castro

apoio

 HISCOX
EMPRESA DE SEGUROS

 Lisgráfica

FUNDAÇÃO *Agostinho Gomes - Maria de Sá*

shi